

Se não fôsse socorrida logo,  
a mulher dêle, gravemente ferida,  
morreria. Então, no meio da noite,  
apareceu o primeiro de uma série  
de bons Samaritanos

Retalho do Drama Cotidiano

## “Vou Tentar a Casa Branca!”

TREVOR ARMBRISTER

**N**AQUELA sexta-feira de junho, a chuva tinha parado antes de meia-noite, mas a estrada sinuosa ainda estava molhada quando David Urey, de 34 anos, vinha por ela dirigindo seu Oldsmobile 1968 conversível, pelas montanhas da Virgínia Ocidental. Já era quase uma hora da manhã; êle via poucos carros ou caminhões naquela região pouco povoada. A mulher dêle, Donna, de 27 anos, que estava no 5.º mês de gravidez, cochilava a seu lado. Numa almofada, no assento traseiro, dormia Brian, seu filhinho de dois anos. Que ca-



marada feliz êle era, pensou Urey, olhando a família de relance.

Êle fazia várias vêzes por ano essa viagem de quatro horas e meia, de sua casa em McLean, Virgínia, perto de Washington, à casa de seus pais em Elkins, na Virgínia Ocidental. Geralmente saíam mais

cedo, mas, como tinha dado uma festa à tarde para alguns colegas advogados especialistas em propriedade industrial, não conseguira escapar até quase nove da noite. Assim mesmo, pensou êle, estariam todos na cama dentro de uma hora.

Perto de Petersburg, na Virgínia Ocidental, a estrada fazia uma curva suave para a direita. Urey fêz a curva-fechada demais-e o pneu dianteiro derrapou no acostamento macio. Êle deu uma guinada para a esquerda. De repente, o carro estava derrapando de lado, descontrolado. Disparou para o outro lado da estrada, atravessou uma cêrca, desceu aos solavancos uma encosta de nove metros e acabou parando com um rangido terrível.

Urey sangrava, com ferimentos leves. Viu que a moldura afiada do pára-brisa estilhaçado tinha cortado o couro cabeludo da espôsa como um abridor de latas. Tentou abrir a porta do lado dela, mas estava emperrada. "Meu bem, você consegue sair do meu lado? Por favor, tente!"-implorou êle. Donna gemeu e disse que não podia mover-se. No escuro, Urey ouviu um grito fraco-Brian tinha sido arremessado longe. Urey correu e apanhou o filho, que tinha o rosto todo ensangüentado. Com a criança aterrorizada no colo, êle arrastou-se pela encosta acima. Arquejando, gritou e agitou os braços desesperadamente, enquanto um caminhão, depois um carro, passavam como raios e desapareciam na noite.

Urey sabia que se não obtivesse logo socorro, Donna poderia morrer de hemorragia. Pegou um lenço ensangüentado do bôlso e resolveu postar-se no meio da estrada até que o próximo carro passasse... ou o atropelasse. Esperou durante o que lhe pareceu uma eternidade.

À UMA E MEIA Gary Arbaugh, de 23 anos, estava indo para casa em seu nôvo pickup Ford, depois de ter passado a noite trabalhando na sua roda-gigante num parque de diversões em Petersburg. Tinha vindo muita gente; mais algumas noites como esta e êle poderia pagar o anel de noivado que prometera à namorada.

De repente, logo adiante, viu um homem no meio da estrada, agitando alguma coisa. Tinha o rosto inchado e cheio de sangue. Gary freou depressa.

"Por favor, ajude-nos! Tivemos um desastre horrível", gritou Urey. "Pare na primeira casa e chame uma ambulância. Depois leve o bebê para o hospital. Minha mulher está lá embaixo no carro. Está muito ferida..." Gary colocou a criancinha, aos prantos, no assento e partiu rápido para Petersburg.

Urey não cabia em si de remorsos e ficou subindo e descendo, entre o carro e a estrada. E se Donna ou Brian morressem? A criança ainda por nascer poderia sobreviver? Pensou no rapaz que tinha levado Brian-êle nem tinha perguntado seu nome! E se não viesse socorro?

Aí êle avistou o pisca-pisca de um carro da polícia—e uma ambulância! A motorista, Renee Schaeffer, de 22 anos, estava estacionando a ambulância na agência funerária do pai quando chegou o chamado de Gary. Agora ela e Tommy, seu irmão de 17 anos, correram pela encosta abaixo. Conseguiram abrir a porta do lado de Donna e puseram-na numa maca. À meia-luz, Tommy viu que o couro cabeludo da mulher tinha caído para trás. Estava entre suas espáduas, prêso ao crânio por uma lasca de pele. “Por favor, apresse-se”, disse Urey. “Por favor, não a deixe morrer.”

ÀS 2H 15min o Dr. Robert E. Roberts, de 42 anos, foi despertado pelo telefone.

—Houve um desastre—informou-lhe o supervisor noturno do Grant Memorial Hospital de Petersburg.

—Grave?—perguntou êle, esfregando os olhos, com sono.

—Sim. É bom você se apressar.

Quando o Dr. Roberts entrou na sala de emergências, 10 minutos depois, Brian Urey estava semi-inconsciente. Tinha tido uma séria concussão, fratura de crânio e de pescoço. A primeira providência era dar-lhe tratamento para choque. Enquanto os assistentes davam oxigênio a Brian, o Dr. Roberts começou um corte—introduzindo um tubo numa veia no tornozelo de Brian para poder dar-lhe sangue e sôro. Estava suturando os ferimentos do menino quando Donna Urey foi carregada para a sala.

“Parece que a escalparam”, pensou êle, ao examiná-la. “Choque. Não tem pressão arterial. Não tem pulso. Estado grave.” Observou que ela estava grávida. Ela sem dúvida abortaria—mas êsse seria o menor de seus problemas.

O Dr. Roberts recomeçou a cortar. Donna recebeu oxigênio e 4,5 litros de sangue. Uma enfermeira cortou-lhe os longos cabelos castanhos, limpou-lhe os ferimentos e levou-a para a sala de operação. Roberts deu 60 pontos para costurar-lhe o couro cabeludo.

Às oito da manhã Donna voltou a si. “Tente mexer as pernas”, disse o médico. Ela sacudiu a cabeça. Não conseguia sentir nada abaixo do pescoço. A radiografia revelou que a espinha estava quebrada e havia um sério deslocamento da medula espinhal. “Temos esperanças”, disse Roberts a Urey. “Há um ligeiro reflexo no joelho. Ela ainda não está paralisada.” Mas o tempo era premente. Ela precisava ser operada para aliviar a pressão na medula espinhal.

O Dr. Roberts não era neurocirurgião, nem tinha os instrumentos necessários. O neurocirurgião mais próximo morava em Winchester, na Virgínia, a 130 quilômetros de distância por estradas de montanha. O menor abalo da ambulância poderia romper a medula de Donna. Mas era preciso fazer *alguma* coisa.

Às 10 da noite o Dr. Roberts telefonou para Winchester. O neurocirurgião estava de férias. Agora a

única esperança era Washington, a uns 260 quilômetros de distância. Roberts ligou para vários neurocirurgiões de lá, mas não encontrou nenhum. Então, teve uma idéia. Anos antes, quando clinicava na costa leste, a Marinha americana tinha transportado pacientes de emergência das ilhas por helicóptero. Por que não usar um helicóptero agora?

Um primo de David Urey era coronel da Força Aérea, servindo no Pentágono. David telefonou para ele, mas o Coronel Urey estava no Irã. A esposa do coronel sugeriu que ele tentasse a Base Aérea de Andrews. O oficial de dia ali tentou localizar os generais que poderiam autorizar o voo—sem sucesso. Cada minuto que passava parecia diminuir as probabilidades de recuperação da mulher de Urey. Tinha de haver um meio de fazer a Força Aérea atender, *imediatamente*.

DURANTE as duas horas seguintes, Urey telefonou para todas as pessoas que ele achava que poderiam ajudar—desde Arch Moore Jr., Governador da Virgínia Ocidental, até o Senador Barry Goldwater. Mas era uma tarde de sábado e não se encontrava ninguém.

Às 2h 15 min a Base de Andrews telefonou. O voo fora aprovado, mas estavam previstas várias tempestades. Os pequenos helicópteros disponíveis não poderiam fazer a viagem sem se reabastecerem, e não havia nenhum posto de reabastecimento a caminho de Petersburg.

Urey andava de lá para cá, na maior frustração. “Tem de haver um helicóptero em algum lugar”, disse ele. “Vou tentar a Casa Branca!” Pediu o número à Seção de Informações e dirigiu o chamado à “pessoa encarregada de vôos de helicóptero”.

O assessor militar do Presidente, Brigadeiro James D. Hughes, estava à sua mesa de trabalho quando o telefone tocou, às 2h 45min. Urey explicou sua situação. “Fique onde está”, respondeu o Brigadeiro. “Eu lhe direi alguma coisa.” Uma ligação para Andrews confirmou a história de Urey.

Hughes sabia de pelo menos um helicóptero que poderia servir no caso: o do Presidente. Mas Hughes nunca autorizara seu uso para evacuação civil e não queria abrir precedentes. Telefonou para o oficial de dia no hospital da Base de Andrews. “Você acha *realmente* que adianta trazer aquela mulher?” A resposta foi um vigoroso “Sim, senhor Brigadeiro!”

Hughes resolveu agir. Seu assessor telefonou para Petersburg: “Vamos enviar o helicóptero do Presidente com um médico da Força Aérea e um enfermeiro. Devem chegar às 5h 30min.

A princípio Urey não acreditou. Depois, compreendendo que afinal o socorro estava realmente a caminho, perdeu o controle e chorou.

Os rotores do helicóptero do Presidente já estavam girando quando o Tenente-Coronel John Wanama-

ker, de 36 anos, cardiologista e traumatologista, correu pela pista da Base de Andrews, acompanhado de um enfermeiro, Sargento Técnico Howard Stoller. Assim que levantaram vôo, Stoller viu que não havia meio de fazer passar uma maca pela estreita porta do helicóptero. “Por que não paramos na Base Naval de Quantico”, sugeriu Wanamaker, “e tomamos emprestado um aparelho dos Fuzileiros Navais? Com a Casa Branca nos apoiando, podemos conseguir o que quisermos.”

Baldeando em Quantico para um helicóptero grande cujas portas foram removidas, eles partiram no meio de cortinas de chuva, rumo a Petersburg. Minutos depois de aterrissarem, estavam voltando para Washington com Donna—cercada de sacos de areia junto à cabeça, no pescoço e nos lados, para mantê-la imóvel—e Brian na maca ao lado.

ÀS NOVE da noite, o Dr. Robert P. Nirschl, vizinho de David Urey em McLean, estava no campo de atletismo junto do Hospital da Universidade de Georgetown, em Washington. Atendendo a um telefonema aflito de Urey, o ortopedista Nirschl tinha chamado um neurocirurgião, Dr. Alfred J. Luessenhop, alertado a polícia, arranjado uma ambulância e até mandado colocar luzes no campo. De repente, ele ouviu o helicóptero.

O estado de Donna continuava grave. Mas, ao examiná-la, Nirschl e Luessenhop ficaram maravilhados

diante do trabalho “fantástico” do Dr. Roberts. “A espinha dela está tão fraturada”, comentou Luessenhop, “que normalmente ela estaria completamente parálitica.” Por vários motivos—porque ela estava muito fraca, porque ainda tinha alguns reflexos, porque agora estava sob os cuidados de especialistas—os médicos resolveram adiar a operação até que ela recuperasse um pouco as forças. Mesmo então eles eram todos de opinião que as suas probabilidades de algum dia voltar a andar normalmente eram de menos de 50%; e as de não perder a criança ainda menores.

A operação durou quatro horas. Primeiro Luessenhop fez uma laminectomia espinhal para aliviar a pressão sobre a medula espinhal e para endireitar as vértebras. Depois Nirschl enxertou ossos do seu quadril em volta da medula, inserindo um fio “estabilizador” de aço inoxidável. As enfermeiras a levaram de volta ao quarto. De repente, ela começou a piorar. Luessenhop tornou a abrir o corte. Um coágulo sanguíneo estava fazendo pressão sobre a medula. Ele tornou a operar... desta vez com êxito.

A despeito de seus ferimentos, Brian não necessitou de ser operado; três semanas depois do acidente, ele teve alta do hospital. No dia 22 de julho, Donna, com o auxílio de muletas, andou pelo corredor do hospital. Uma semana depois ela foi para casa. Estava mancando, mas não tinha perdido o bebê. Naquela

noite, David e Donna tomaram champanha.

O bebê devia nascer na última semana de outubro. Quando passou o prazo, Urey teve medo de complicações. Por fim, no dia 6 de novembro, Donna começou a sentir as dores de parto. Às 11h 30min da noite Urey levou-a de nôvo ao Hospital da Universidade de Georgetown.

Enquanto esperava, reviveu as horas angustiosas que passara em Petersburg cinco meses antes. Pensou em Gary Arbaugh, que tinha devolvido o cheque que êle lhe enviara, explicando que êle tinha uma "obri-

gação moral de ajudar". Pensou no General Hughes e em todos os outros que tinham tornado possível aquêle dia.

Urey não pretendia ficar com a mulher na sala de parto. Mas aí, de repente, êle viu que *tinha* de ficar lá. De máscara e avental, ficou segurando a mão de Donna enquanto nascia a criança.

"É homem", anunciou o Dr. George E. Stevens, o obstetra. "E parece perfeitamente são."

Quando o médico cortou o cordão umbilical, o bebê começou a chorar. Mas David Urey mal notou, pois também êle estava chorando.



### Esconderijos

O CAPITÃO Joseph Dussia, ex-diretor do Laboratório Criminal da Polícia Estadual da Pensilvânia, é um exímio arrombador de cofres e fechaduras. Essa habilidade lhe foi de grande auxílio uma noite em que êle e um colega se viram em apuros numa estrada, com o carro e rádio enguiçados. Ali perto havia uma cabina telefônica, mas êles não tinham moedas. O Capitão Dussia entrou na cabina, arrombou as fechaduras, colocou uma nota de um dólar na caixa, trocou-a, montou tudo outra vez e telefonou pedindo socorro.

Alguns dias depois recebeu o seguinte telefonema de um homem da companhia telefônica: "Temos aqui um caso que o senhor devia investigar. Encontramos uma nota de um dólar em uma de nossas caixas telefônicas."

—Citado em *WE*

UM HOMEM que dirigia pela estrada de Saskatchewan, procedente de Regina, achou que o carro dêle estava em muita desordem—cheio de jornais velhos, listas de compras, papéis de balas e talões de gasolina. Então viu logo adiante um barril de lixo à beira da estrada e parou o carro. Tinha acabado de juntar todo o seu lixo e encaminhava-se para a barrica quando apareceu um guarda da Polícia Montada, que saiu das moitas gritando: "Não faça isso ... pusemos o nosso radar aí!"

—Sr.<sup>a</sup> C.L. Peterson, em *Maclean's*, Canadá